


 Visado pela
Comissão de Censura

Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES ANO XI • N.º 264 • PREÇO 1\$00

NOTA DA QUINZENA

Hoje de manhã, ao ministrar a comunhão à cancerosa, noto em seu rosto sinal de tormentos. Indago. Não me tinha enganado; a noite havia sido quase insupportável. Propus deixar-me ficar. Puxo uma cadeira baixinha que ali ao pé estava, ficando desta maneira ao nível da padecente. A manhã de Março entra por uma janela rasgada. Ao fundo, o arvoredo da mata. Ouvem-se rapazes a caminho da escola. Tudo se passa como se a dor não fosse

e a doente não estivesse! Um lenço azul envolve os cabelos. Tem a cabeça sobre uma almofada. Pergunto e ela responde que sim; a senhora tinha feito o curativo da manhã. De novo pergunto quando se resolve a pedir a injeção. Ela sabe. Compreende o efeito e a conveniência. Em lugar de me responder, afirma por sua conta: *o sofrimento é uma necessidade. Lábios e fronte, queimavam. Expressão intraduzível. Qualquer um veria ali a necessidade de alívio imediato, mas ela sobe mais alto e com outra luz, vê outra necessidade. E' preciso. E' uma necessidade como o comer ou outra coisa qualquer.* Aonde filosofia e teologia ocupariam páginas, esta doente tem a visão. Vai direitinha aos princípios. Não distingue. Não discute. Não duvida. *E' preciso sofrer.*

Pombinha entra com um pequeno tabuleiro. Ela pediu-o por servente e tem-no. Ela pode pedir tudo quanto quiser, que tudo se vai buscar. Porquê? Não pode retribuir. Eisl Enquanto mastiga um pouco de pão molhado no café, repete baixinho: *é uma necessidade. Pombinha* foi-se embora. Eu fico mais um nada a ouvir lições. Os doentes são mestres. Se sofrem males incuráveis, são diplomados. Uma doença incurável, segundo nós, é a manifestação da Omnipotência de Deus. Não há que discutir; há que humilhar-se. Fiquei mais um nadita à beira da doente. Ela prossegue. Prossegue na sua doutrina e vai buscar o pecado. Liga. Relaciona. Deduz. Um compêndio! E furta-se. Nem pede nem permite a injeção.

Tanta gente a fugir! Quantos a evitar. Soluções erradas. Doutrinas falsas. Até a morte se tem ido buscar com tinta de piedade! Ninguém quer a dor. Pois bem. A nossa cancerosa está aqui a dizer como é. Ao nosso bom Deus agradeço ter ela feito da Casa do Gaiato o seu gabinete de estudo. E ao nosso bom Deus agradeço ter a Casa do Gaiato um instrumento de divulgação. *E' preciso sofrer.*

Mais pausa. O dia ia crescendo. O sol inunda. A doente continua a pregar. A cruz é o sítio da eloquência. Sem nada me perguntar ela discorre. *A gente não peca? Sim, peca. O pecado não é um crime escondido? Sim, é. Os crimes conhecidos não são pagos com dor nas prisões?*

Eu estava ao pé, numa cadeira baixinha. Era testemunha e dava testemunho. A doutrina safa dos lábios da ilêtrada em maravilhosa radiação. Parece que tinha ido à fonte e aprendido directamente do Autor da vida. Parece.



Aqui, LISBOA!

Aproxima-se o dia da festa da inauguração da nossa igreja, dia tanto mais desejado quanto mais prolongada foi a expectativa e dolorosa impressão inicial que sentimos ao deparar com a abominação da desolação em lugar santo. A velha relíquia de interesse nacional estava transformada em pardieiro medonho, refúgio de ratos e corujas, esmeara de lixo e entulho.

Agora, lavado e retocado o frontespício, renovados os tectos e telhados; restaurados os azulejos, bojardadas as cantarias, repostas as belas imagens de mármore Carrara, reaparece a antiga beleza. A graça voltou, e Deus não tardará a habitar na Sua casa, entre nós.

O octogenário sacristão e a mais velha ainda tia Conceição, há muito que fazem fervorosas preces para que o Senhor os conserve com vida e saúde ao menos até esse dia.

Quando tudo ardia naquela tarde diabólica de 14 de Maio de 1915, as balas passavam a zumbir por sobre as cabeças e a cavalaria varria o arraial, o velho Zé Coe-

lho profetizava: «Isto é uma trovoadas que passa. Há-de vir um dia alguém que se encarregará de repor tudo no seu lugar.»

De bem longe, cá estamos nós a cumprir a profecia do simpático saloio.

Se Deus o permitir, no dia 2 de Maio próximo, às cinco da tarde, reataremos uma tradição interrompida durante 39 anos.

Dia cheiol De manhã, no Seminário dos Olivais, será a Ordenação de Presbítero do Eng. Carlos Galamba; à tarde estará aqui a presidir Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca, cujo nome ficará para sempre registado nos anais desta Casa. Mais vezes ele visitou o Tojal por simpatia, depois de nos ter dado este palácio, do que para repouso o fizeram muitos dos seus antecessores, quando isto era o célebre e celebrado Palácio da Mitra, jardim e conforto de tempos fartos e ociosos.

Amigo dos Pobres, aí está a prová-lo a visita que há tempos vem fazendo aos tugúrios dos bairros pobres de Lisboa. Ao sair duma barraca, compartimento dos pais e nove filhos, viam-se correr-lhe as lágrimas e exclamar para o sacerdote que o acompanhava: *como podemos exigir nós virtude a quem vive nestas condições?*

Ai, que se os homens da Câmara e do Governo fizessem o mesmo, há muito que a batalha das barracas, que há seis anos aqui estamos a travar, estaria ganha.

A Missa Nova do Engenheiro será no dia seguinte — dia de Santa Cruz — de manhã, com o recolhimento que o acto exige.

Não fazemos convites pessoais senão aos pobres das redondezas. Só esses poderão aparecer com o estômago e as mãos vazias; aos outros recomendamos um calorzinho nas algibeiras. Temos ainda as oficinas por montar, as escolas a instalar, o Património dos Pobres a crescer, 150 bocas a devorar, o tempo a desgastar. As vidas estão curtas e há muitas crianças perdidas que urge salvar. Um exemplo entre cem. A carta vem do Banco Borges & Irmão e é assinada por treze nomes. Ao pé dos cofres de aço há corações de ouro. Já é a quarta vez que pessoas diferentes nos apresentam o mesmo caso. Reza assim a missiva:

«Tem vagueado pelas ruas da Mouraria, um pobre rapazinho de cinco anos de idade, completamente ao abandono, a pontos de por vezes o encontrarmos completamente nú.

Averiguado o caso, tivemos

Campanha de Assinaturas

O jornal espera paginação e noto a falta do artigo *Campanha de Assinaturas*. Chamo o *Valete*, que ora é chefe eleito da comunidade e também um dos nossos tipógrafos e mando-o à presença do Pai Américo reclamar mais uns linguados para manter a chama da *Campanha*. Que não escrevia. Que fosse eu. E, pronto, aqui estou a obedecer.

Quanto ao volume de assinaturas os senhores não desanimem que daqui a pouco não há cidade, vila ou aldeia; rico, remediado e pobre, que não saboreie «O Gaiato».

Ainda recebemos listas que ao tempo incluímos na edição que deu o empurrão à *Campanha*. Muitas delas, quase todas, são de Áfrical Lourenço Marques, Beira, Moçambique, Luanda. Tudo terras conhecidas. Gente portuguesa. Costumes portugueses. Amor dos Pobres. Cristianismo. O atraso não admira, pela distância. São milhares e milhares de quilómetros, com o Atlântico a meio. Nem tão pouco é para admirar recebê-las aqui tostadas do sol.

Claro, nem todos responderam à chamada. Seria uma enxurrada! Pois nós queremos uma enxurrada, que faça do «Gaiato» o jornal de maior tiragem e expansão, como soi dizer-se nos grandes jornais.

Avante, pois, para um «Gaiato» maior. Que o sofrimento imerecido dos Pobres seja, de facto, e dentro em breve, o especial problema da consciência de todos os portugueses.

O OVO

Pronto. Acabou-se num instante. Padre Adriano e Horácio querem mais, e nós desejaríamos atender, mas só com uma segunda roda, o que não pode ser por via do futuro livro *Viagens*.

O nosso ficheiro aumentou assustadoramente. Teremos de produzir edições maiores. Tudo transborda. Tudo excede. Todos querem. Preços não se fala. O Júlio começou há dias com os lançamentos. Chegou aos 2.000 e nota a média de 24\$20 por cada exemplar! Eles estavam para dez escudos.

Temos de andar depressa. Fazer mais e melhor. Casas para pobres e visitar os pobres nas casas. Caminhar. Nem saudações, nem cumprimentos, nem conversas, nem nada. Aonde não nos receberem, sacode-se a poeira dos sapatos e vamos a outras terras.

Aonde os sábios? Aonde os grandes? Serve-se Deus do que não presta!

ISTO É A CASA DO GAIATO

*** Avelino foi ao casamento de Luís Velha, em Coimbra. Passou pelo Lar do Porto e tomou Carlos Inácio, ambos na qualidade de amigos e companheiros do nubente. Padre Horácio assistiu. Foram no Morris, Avelino ao leme; ele tem carta. Até aqui, nada estranho. Mais um veículo na rodovia e acabou. Mas vistas as coisas por dentro, há muito que admirar. Primeiramente, entregar um carro nas mãos de dois que foram da Rua! Segundo e isto é mais importante, ambos eles têm a chave do cofre; Avelino, o de Paço de Sousa. Carlos Inácio, o do Porto. Eu não sei o segredo deles. Não seria capaz de abrir. Nunca procurei fazê-lo. Não quero saber. Mais. Além das chaves, eles é que sabem e mexem nos valores. Um qualquer, poderia justificadamente estremecer. O Morris a espelhar, valores no cofre. Chaves na algibeira. Patrão que não quer saber. Mas não. É impossível. A constituição íntima do Educando tem suas regras normais. Cinco minutos depois da hora de regresso por mim fixada, entra Avelino pela porta dentro e contou-me como tudo se passou. Fá-lo naturalmente. Não se eleva. Não se encarece. Não dá fé da grandeza. Relata. Dá as boas noites, toma e beija a minha mão pecadora e no dia seguinte, às horas, estava na sua mesa de trabalho. O tesoureiro de Paço de Sousa e tesoureiro do Lar do Porto, ambos autónomos. Isto foi assim. Diante do facto, não há mais que ajoelhar no chão e dar graças ao Pai Celeste. Foi justamente o que eu fiz, apenas Avelino se retirou.

*** Atenção ao Mundo de Aventuras. Aos redactores do Mundo de Aventuras. Ontem foi o Tomar; o Joaquim Bonifácio de Tomar. Um moço prendado, que é uma esperança no escritório do Avelino, ao qual já se deu tarefa de muita responsabilidade. Pois Tomar, entra pela porta dentro à hora do correio, a espumar, vai direitinho ao moço à procura de Aventuras. Quando não é ele, são outros. Eles sabem que a impres-

conhecimento de que não tem pai e a mãe é uma pobre mulher que vive na pior das misérias.

Como homens de coração a que preside sempre o espírito de solidariedade humana, temos socorrido na medida do possível a infeliz criança...

Mas temos o problema moral — o da formação de um homem de amanhã. A escola do infeliz pequeno é a Rua. A sua formação tem de ser a pior possível, fatalmente...

Resolvemos rogar a esmola de nos ajudar nesta cruzada de bem fazer.

Da gratidão dos homens, poucos agradecimentos poderia v. esperar, mas Deus lá está para recompensar quem se serve das grandes e divinas palavras — «Deixai vir a mim os pequeninos».

É um grupo de homens honestos e chefes de família que roga este grande obséquio a v...

Muito mais diz a carta, mas temos de ficar por aqui. Bairro Alto, Alfama, Mouraria, terra de cantigas, de lama e lágrimas...

Ora então até ao dia dois de Maio, se Deus quiser!

PADRE ADRIANO

são é semanal e andam à espreita...

Ora eu, testemunha da desordem, reuni e quis saber quem foi o menino que fez o pedido, tendo chegado ao conhecimento. Foi o Piolho. Foi o Piolho no tempo em que se encontrava ao serviço do Júlio. Piolho fez tantas, que Júlio houve de o correr. Avelino tinha-lhe feito o mesmo e hoje anda nas mãos de Carlos Inácio, do Lar do Porto. Ele considera-se um perseguido. Todos me perseguem, — é a queixa que Piolho me faz, uma vez com lágrimas, outras vezes sem elas, mas sempre de beicinho: eu sou um perseguido. Não é nada. É verde. Mas voltemos aos donos do semanal. Se em lugar de oito em oito fosse uma vez por ano!

*** Não há dezanove de Março que não venha cá um senhor, com ceiras de figos e mais alguma coisa. É no dia de S. José. Das três para as quatro ele aí está. Eu também faço tudo por estar, mas este ano, naquele dia, tive uma saída forçada. Enquanto por lá, recordei a hora e o senhor e os figos. Lembrei-me do que seria aquela hora com tantos a esperá-la, mas andava por lá. Por longe. Chego. Ainda o Morris não tinha parado e eu já sabia de tudo. Eram vezes enquanto subia a avenida: esteve cá o senhor dos figos. Até aqui não há grande novidade, mas agora mete Manel do Embrulho. Tenho medo deste rapaz de tantas e tamanhas que ele arranja. Disseram-me que o próprio senhor dos figos houve de intervir, pois que o rapaz se propunha abrir uma ceira antes de entregar à senhora da cozinha.

*** O senhor que inventou os selos havia de ser chamado a contas e dar-lhe por castigo aturar estes rapazes! Estamos actualmente numa fase muito séria. O Júlio e Avelino reclamaram. Eles querem os subscreitos para possíveis referências e pediram-me que os não lançasse ao cesto. Ontem, os colecionadores apresentaram-se à hora do costume e não viram nada. Eu expliquei. Pombinha toma a palavra e faz uma proposta. Uma proposta admirável: nós tomamos a responsabilidade de guardar os subscreitos durante três dias. E a seguir, por palavras suas, estende a proposta e explica. Que somente depois de ter ouvido e saber do Avelino, é que ele usaria o direito de guardar os selos. Ora eu fiquei admirado de tanto zelo e de tanta ordem! Tanto amor aos selos! Neste momento não posso informar os senhores do pé em que as coisas estão. Não sei o que se passa no escritório do Júlio e do Avelino; se poeira, se barulhos, se Pombinhas, se quê. Não sei de nada. Aqui no meu escritório tudo acabou. O cesto está rapado. Eles chegam, abrem a porta, espreitam e desandam. Oh; não tem nada!

*** Enquanto servia hoje o café, Manel do Embrulho deixa-me e vai buscar algo estranho. Um ganso! Um gansito dos que estão a sair da casca. Coloca-o mesmo à beirinha da chícara. Ele é todo penúzem de ouro. Formosíssimo. Manel fátisca. Conta a história. A seguir, toma o gansito nas mãos e fá-lo correr no chão. Ora veja. Torna a pegar, torna a pô-lo ao



TRIBUNA DE COIMBRA

Reina um grande fogo no Liceu D. João III. E o mais curioso é que foi lançado por um aluno do primeiro ano.

Ele vai contar como foi: eu fui por acaso à missa à Sé Nova e estava lá um senhor Padre que falou das Casas dos Pobres. Eu vim para casa e já não descansi. Era uma coisa que eu trazia cá dentro e que não me deixava. Falei a alguns companheiros da minha turma e todos entusiasmados começamos a poupar e a amearhar os nossos tostões.

Hoje já não é uma turma; é o Liceu inteiro. Todos querem colaborar; o Senhor Reitor à frente; os Professores também.

Querem entregá-la já pronta no fim do ano lectivo. É uma das quatro da Conchada que já andam no vigamento do telhado. Vai ali ficar uma casa com uma lápide a dizer: Casa do Liceu D. João III.

Agora a grandeza da casa está no modo como ela é construída: são os tostões dos sacrifícios dos alunos; são os rebuçados e bolos que haviam de comprar e não compram; são os sete tostões do bilhete do eléctrico na vinda para baixo e vêm a pé; são os brinquedos que levam e oferecem e são leiloados nas aulas e o produto vai para a Caixa; são outras renúncias interiores que os homens mortais nunca chegam a conhecer. Tantas pérolas preciosísimas perdidas e agora encontradas!...

Este ano é uma; para o ano que vem querem continuar. Eu acredito.

Foi mesmo o pequenito que mo veio dizer. Os olhos faiscavam lume. Ele agora não me larga. Ai que ainda me parece um sonho. Vai muitas vezes ver a casa a subir e vê que é realidade e de contente parece não acreditar. Ex ore infantium perfecisti laudem tuam. O Senhor serviu-se daquele menino para grandes coisas.

Aquele dia foi para mim um dia muito grande. Aqui em Coimbra dá às vezes para desanimar. Mas agora, não.

Vai uma criança com o archo-te bem levantado e bem aceso. Há-de pegar o fogo ao Liceu D. Maria. Sempre assim foi na ordem natural das coisas: as mulheres quando vêm os homens a andar, vão também.

Estou já a ver uma família abrigadinha numa casa que diz assim: Casa do Liceu D. Maria. Mais. Estou certo que os inú-

UM PEDIDO

Com este título vinha o número anterior a pedir escovas de dentes. Vieram dúzias e dúzias e dúzias. Tantas, que agora faço aqui outro pedido. Mais, não!

O senhor que diz eu estou em casa sim senhor, não dá a sua morada, na carta que me dirigiu e eu preciso responder. Espero na volta.

pé de mim com meiguices e ternuras. Aqui em casa é assim. Desde os bois grandes da corte até estes seres recém-nascidos, tudo anda nas mãos deles, em meiguices e ternuras. Ora veja.

meros Colégios de Coimbra vão também. Se não com uma casa toda, pelo menos com parte.

Anda outra fogueira no Calhabe. É uma Senhora apaixonada que vai e bate e insiste e vence. Quem vai por amor aos pobres (o mesmo é dizer por amor a Deus), vence sempre. Já tem terreno e tudo pronto para uma e anda a tratar de mais. O terreno foi cedido gratuito e alegremente por pessoa particular.

Ora este é que é o caminho. Há tantas nesgas de terreno tão mal aproveitadas e tão pouco garantidas! Que aqueles à porta de quem se bater, nunca digam imponderadamente que não. É o Senhor que passa e bate e não volta. Cuidado!...

Brevemente conto ir por todas as igrejas de Coimbra. Prégarei esta mesma doutrina; farei este mesmo pedido; apresentarei as mesmas queixas dos pobres; assolharei as mesmas misérias imerecidas a que lançamos os nossos irmãos.

Quem não quiser escutar, que não vá. Mas quem for, que vá preparado.

Chegam-nos cá: cinquenta escudos por um vendedor; trezentos à mão; cinquenta num consultório médico.

E agora muita atenção: uma casa das da Conchada ainda está sem dono.

Quem a quer? — Que se apresente com doze contos.

PADRE HORACIO

Noticias da Conferência da Nossa Aldeia

Amadeu Tavares de Lisboa, 250\$00. José Lopes Ribeiro Tavares, também da capital, 400\$00. Mais vinte, idem. Julião Antunes de Matos, de Molelinhos, 20\$00. Assinante 11.028, 10\$00. Maria Gomes da Silva Reis, de Lisboa, 30\$. Melgaço, 50\$00. Dum assinante de Grijó, 10\$00. José Dias Magalhães, Porto, 30\$. Maria Bobela Mota Fevereiro Guedes, de Castelo Branco, 50\$00. Maria Teresa da Costa, de Penacova, 30\$00. Maria Guilhermina Laroche Semedo, Lisboa, 10\$00. Assinante de Mação n.º 17.653, 40\$00. Assinante n.º 11.574, 20\$00. Da Horta, 20\$00. Assinante 4292 do Brasil, 50\$00. Assinante 10.250, de Carcavelos, 70\$00. E o n.º 259 do Porto com 30\$00. Duma assinante da cidade do Porto, 10\$00. Da Minucha e dos 3 primos, 50\$00. E por fim de Batista N. Pires, de S. Paulo, 100\$.

Para os que se esqueceram lembramos que os donativos para a Conferência basta d'rigi-los para Conferência de S. Vicente de Paulo, Casa do Gaiato, Paço de Sousa. O correio encarrega-se de os trazer.

JULIO MENDES

EM DISTRIBUIÇÃO

«O OVO DE COLOMBO»

Pedidos à Editora
Tipografia da

CASA DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

Da que nós necessitamos

Das escovas de dentes aqui pedidas, repetiu-se o que antes costuma dar-se; vieram em tal abundância que pudemos dar uma a cada um e ainda guardamos! A maior porção veio de Benfica. O senhor dos mais anos, também *estava em casa!* Lotes, meia dúzia, três, uma; todos consoante posses e devoção.

Depois das escovas, queremos dizer do *Saridon* e panos de linho velho e muitos de linho novo e todas as respostas que chegaram ao nosso apelo da Cancerosa. Tantas e tais coisas, que temos distribuído por outros doentes, aonde a mesma ferida e aonde a mesma dor.

Não há maior prova da existência de Deus. Nada que marque a Sua presença como estes pequeninos actos de amor! Dá vontade de ajoelhar ao receber cada uma destas encomendas e sobretudo, quando lemos as cartas que as envolvem.

Este é o caminho dos mortais. Este é o que verdadeiramente procuramos e apeteçemos, ainda que por outros sigamos, enfadados, gastos e aborrecidos! O mundo precisa de atinar. Os chamados cientistas metem-se a *rasgar trevas* e produzem-nas... Ontem foi o dia em que os jornais falavam da completa destruição da humanidade no caso de uma nova guerra. Deus abomina. Deus detesta. Deus confunde. Só o que Ele ama é que subsiste e enche. Quanto mais não valia a notícia da mesma página, de um pedreiro que se feriu num desastre em Luanda, quase mortal; e o avião da carreira estava para sair; e o pedreiro foi conduzido ali; e os Pilotos e Hospedeira disseram que sim. Cama feita. Panos quentes. Quanto carinho! Voaram em metade do tempo sem discutir as horas de repouso nem nada! O ferido enchia o coração de cada um. Era o ponto de referência daquela viagem. A chegada a Lisboa, estava a maca. No hospital a cama feita. Um simples trabalhador, que de maneira nenhuma pode jamais retribuir! Como Deus não há-de amar estes Pilotos, esta Hospedeira, todos quantos trabalham, como! Ora este é o caminho. Nós somos naturalmente deste espírito. Estas é que são as nossas notícias.

Encomendas postais do Ultramar, são de todos os dias. Quando vejo avisos em papel amarelo gemado, já sei do que se trata. Há dias era uma grande caixa com nove pequeninos enxovais, que logo distribuímos. Roupas de outra natureza enchem os caminhos. Calçado também. África em Portugal! E que dizer de Tete? Que do litoral nos amem, é fervor. Mas Tete! Encomendas postais de Tete, é excesso. Grande terra de quatro letras! Uma delas trazia dentro três soberbos cortes, que deram três soberbos fatos. Trazia também roupa tropical, que muito apreciamos para os deles que partem. Todos vão remediados com roupas adequadas. Além de encomendas são as cartas. Tarjas. Selos. Papel. Cada coisa sua cor. Policromia. Dentro também há variedade nos dizeres e nos valores. Jamais se viu em Portugal partitura com tantas notas, tantas figuras e tanta harmonia,—nunca!

Mais do Porto o meu pequenino *obulo*. Mais da mesma cidade

100\$ do meu primeiro ordenado. Mais de Matola-Rio 100\$. Toda a carta é um hino de amor a Portugal, redobrado pela ausência. Matola fica a dois passos de Lourenço Marques. Mais 50\$. Mais 20\$ de Lisboa. Mais 200\$ idem. Mais de Leixões, o mestre do rebocador *Vandoma* manda um vale de 200\$, dele e da tripulação. *Tantos corações que estavam de mal com Deus e agora não*. Assim começa o Mestre do *Vandoma* a sua carta rude e sincera. Mais 50\$ de um *rapaz católico*. Mais 500\$ de Torres Novas. Mais 40\$00 de uma promessa. Mais 50\$ de S. Pedro do Sul. Mais outro tanto de Lisboa. Mais 300\$00 do Luso. Mais 50\$ de Gaia. Agora oiçam. Vai falar Tete: 107\$ *produto de uma caixinha que tenho no meu escritório*. Mais da Beira o António Augusto com 170\$. Encomendas postais da Beira. Mais do Porto 50\$. Mais idem 20\$. Mais 100\$00 de um professor oficial. Mais 20\$ de Vila de Rei. Mais 150\$00 de Momba, África. Mais 200\$00 de Luanda. Havendo qualquer donativo ou coisa que escape nestes comunicados, os senhores fiquem sabendo de uma vez para sempre que tudo se recebe e tudo se cumpre. E mais nada.

O LUÍS VELHA



Era de uma vez eu que passava através de uma e jermaria do hospital de Coimbra e oiço uma voz. Aproximou-me. Era uma moribunda. Quer-me dizer um segredo e eu sento-me à beirinha para melhor escutar. Disse e nunca mais falou! Na vela ho! a fiquei sabendo de um filho seu e acabei tudo tal qual ela me arrou. Lugar, idade, circunstâncias, tudo. Este era o segredo. Não podia mentir, pois que já tinha um pé na Eternidade. A Vida Eterna é o Conhecimento. É o Conhecimento pleno, total. Não há mentira. Isso pertence à vida terrena. Nós mentimos por ignorância. No mundo é tudo ignorância.

Tomel conto do seu filho. Era pequenino. Furtava-se aos brinquedos. Amava a solidão e eu pus-lhe o nome de Velha. O Velha, Luís Velha; e assim cresceu no meio de nós. Andaram os anos. Multitudinaram-se os trabalhos. Quis os encontros! Quis as lutas! O Mal e o Bem, sentiu inimigos, andam sempre juntos. São afluentes e convergentes. Não há maior mistério dentro de uma tão grande vulgaridade: O Homem. Cada um de nós!

Chegou a hora de eu dar cumprimento. O desejo da moribunda realizou-se. Tem graça que ela morava justamente a dois passos da igreja de S. Bartolomeu, aonde o seu filho se casou no dia de S. Bento! Casou-se e vai para Lourenço Marques. Vai para uma colchação com o bonito salário de trinta e seis contos, por ano. E tudo isto é o ponto de um segredo.

O Luís António vai exercer a sua profissão de cozinheiro no Xaixai, casa comercial do nosso amigo J. J. da Cruz, aonde temos já um alfaiate e um agricultor.



RUMO A ÁFRICA

De uma vez apareceu aqui um rapaz a pedir para ficar. Eu olhei. Medj. Soube a idade e disse que não; ele tinha mais de catorze. Quinze dias não eram passados, quando se resolveu o contrário. O dito rapaz entrou e ficou. Deu-se-lhe a copa por obrigação. Por não ter tempo de dia, era à noite que ele estudava e assim se preparou para o exame da 4.ª classe. Estava marcado para um emprego no Porto. Justamente no dia em que ele havia de ser transferido para a comunidade do nosso Lar naquela cidade, deu aqui um automóvel luxuoso, de onde saíram quatro passageiros, industriais da Covilhã. O António Prata é natural de Seia, mas vivia na Covilhã. Aqueles senhores, assinantes de *O Gaiato*, tendo lido a notícia de exame e porte do antigo extraviado, quiseram vir aqui pessoalmente pela confirmação. Foi no Cruzeiro da aldeia que os recebi. Conversamos. Disse-lhes que sim. Sim senhor. O rapaz ia partir naquele momento para um emprego. Os quatro industriais não sabiam que dizer. Todos foram testemunhas dos desmandos daquele tempo. Deram-me casos concretos, tudo, aliás, natural em qualquer rapaz sem norte. Os visitantes mostraram desejos e eu disse outra vez que sim. Mandei chamar o Prata. Retirei-me. Não sei o que lhe disseram. Mais dois dedos de conversa. Mais pontos de admiração e eles retiraram-se.

Guardei no meu peito tudo quanto tinha escutado. Era gente de bem. Tinham vindo aqui por amor do rapaz. Dei-lhes crédito. Sustei a ida e deliberei esperar. Por sua vez, o António Prata mostra-se algo impaciente. Eu tinha-lhe prometido; *vais amanhã*. Chamo por ele à sacada do escri-

tório. Hora calma. Horizontes. O céu. Relatei de entre muitos, aqueles casos que me pareciam mais importantes como havendo sido praticados por ele, segundo



O António Prata

informações. O rapaz escuta. Informações de amigos, por amor. Receições paternais. Misericórdia. Bonança e beleza predisõem a alma para grandes generosidades. Não há temor. Por isso mesmo, o *acusado* toma a palavra e diz-me — *não tenha medo. O trabalho faz-nos esquecer tudo*. Ora o rapaz tinha sido sempre um trabalhador na comunidade. Nunca foi por ninguém apanhado em falso. Aquele seu *não tenha medo* condizia; e eu empreguei-o na Camisolândia, à rua de Santa Catarina.

Hoje segue para outro continente. A Casa Caravela, na Beira, oferece-lhe um lugar mui bem remunerado.

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Agora é Miragaia. Tenho ali os meus olhos. Se fossem minhas, não ia lá tantas vezes. O local vale por muito, mas sobretudo por ser o sítio. Sítio arrepiante. Muitos há que se têm afligido pela sorte dos que moram no Barredo, porém hoje chegou a decisão. Mais do que arrepiar. Mais do que afligir-se. A decisão é tudo. Ontem estive ali. No primeiro plano são cinco moradias, algumas já em telha. O terreno é um bocadinho ingrato, mas não se foge à segurança. Abrem-se poços nos cunhais. Estes enchem-se de pedra e cimento. Sobre eles apoiam-se vigas de cinquenta centímetros de altura e sobre elas começam as elevações. No topo há uma cornija também de cimento e sobre ela o telhado. Beleza. Segurança. Este primeiro lote de casas tem dimensões iguais: cozinha, pequenina despensa, sala, dois quartos, retrete. Uma cinta de três metros e meio de terreno. Estas são assim. Outras de outra maneira. Temos ali pano para mangas.

Vão-se fazer muitas casas para pobres na nossa querida e mui amada Pátria! Ninguém é capaz de sentir, compreender, realizar o que Deus tem preparado para os seus pobres. Ressuscitou a piedade! Tudo favorece a rajada. É o medo. É a descrença. É o falhar das promessas que os homens fazem aos homens. Depois vem a ansia

interior. O desejo veemente. A resistência ao aniquilamento. Finalmente Deus. A existência de Deus. A presença de Deus. O governo imediato e contínuo de Deus.

Sim. Vão-se fazer muitas casas. Antes não se viam nos jornais notícias desta natureza. Não se falava de pobres nem no altar nem nas praças e quem no Parlamento? Hoje é tudo cheio!

Esta é mesmo uma outra condição responsável por este movimento cristão. Um grande bem marca hoje e assinala esta ponta da Europa, pela qual os nossos maiores deram e dão sangue. Tudo quanto é justo. Tudo quanto é piedoso. Tudo quanto promana do Evangelho, interessa e tem aceitação. Os Ministros despacham. Deputados falam. Os Universitários de Lisboa, Porto e Coimbra, contaminam-se. Os vicentinos não descansam. Todas as classes. Todos os indivíduos. Todos os credos. Nunca gozamos nem tivemos clima tão alto nem tão suave na terra bendita dos portugueses, nunca! Os gemidos do Pobre são escutados. Bendito seja o Senhor Deus de Israel.

Já chegamos ao ponto de coincidência nas datas de inauguração: no dia 4 de Abril, um Domingo, entregaram-se as duas primeiras no Eixo e segundo lote de 4 em Viana do Castelo. É a deflagração!

POBRES

PELAS CASAS DO GAIATO

Por mais Asilos. Por mais Ninhos e Abrigos. Hospitais e Sanatórios. Sopas, Cantinas, Dispensários. Por mais abonos e subsídios. Qualquer que seja o nome, a designação, a finalidade, a terra. Tudo isto, por estranho que nos pareça, constitui uma denúncia do muito que é preciso fazer neste campo da vida humana! Falando da cidade do Porto, que é hoje a terra aonde me gasto, posso dizer com verdade, trágica verdade, que se não fora a mão da Polícia, ninguém podia dar volta nas ruas, por causa da invasão! Das *ilhas* dos *barredos*, de outros lugares conhecidos e nomeados. Tuberculosos, cancerosos, outros males sem cura e sem cama. Velhos, estropeados, os caídos, os envergonhados. Não fora a mão da Polícia e tínhamos no Porto o horror. Assim também o temos... Reprimir não é curar e é justamente para este ponto que eu desejava inteligência e vistas dos homens bons da nossa querida Pátria. Ir aos problemas e atacá-los em sua origem, estudar as suas causas. Queríamos a vista e a inteligência, sim.

De duas maneiras a Polícia reprime; pela força e pelo subsídio familiar. Ninguém calcula como isto é grande. É preciso ouvir no sítio e da boca dos favorecidos. Não dizemos que todos em todos os lugares o sejam, mas não há *ilha* que não tenha alguém. Eles não lhe chamam subsídio. O pobre não atina com aquele nome. Esmola. Temos a *esmola da Polícia*. Alguns, porque mais apreciada, chamam-lhe *esmolinha*. Outros, ainda, tiram o nome de Polícia e põem Tenente Rangel. Temos a *esmola do sr. Tenente Rangel*. Quantas famílias assim remediadas nas *ilhas* e nos *barredos*. Só visto. Só quem por lá anda.

E contudo, isto é insuficiente. Isto mostra um mal crescente, mas não o cura nem o evita. Andam multidões e multidões e multidões de mãos erguidas e caneta na mão, a expor e a pedir. Chegam-nos aqui diariamente montes de cartas crucificadas, de regresso, segundo eles, das supremas autoridades civis e eclesiásticas. Nós somos aqui, ao que parece, a última esperança, e nada podemos fazer.

Mais. Além destas multidões que assim procuram auxílio, muitas outras são visitadas e inquiridas oficialmente, por agentes oficiais. Muitos outros por vicentinos. Por particulares também. E o desmoronar é incrível! Que fazer? Para onde havemos de ir? Mas ele ainda há mais. Muito mais. É o capítulo crianças. Para estas, começa a tragédia na origem da vida! Raro é o dia que nos não aparece o Inocente. Ontem era um na copa, a tomar o seu café. Tinha chegado de véspera. Disse. Dormiu aquela noite e de manhã partiu, tudo pelas mãos do chefe Cândido da Glória. As nossas casas estão superlotadas. Eu já nem quero perguntar. Quanto menos sei, menos sofro. Prossequindo, vamos às caravanas de Visitantes, nos meses de verão. São Fábricas inteiras. De pobres, levam o ano a descontar para no fim ter com que dar o passeio.

Até aqui muito bem. É lícito. É proveitoso. São operários em folga. Porém a cara de cada um revela. Não está de acordo com a idade, nem com os dias de sol, tão pouco com o folgar. Eu vejo.

Eu observo. Sub alimentados! Dá pena. São milhares que vêm até nós. Outros para outros sítios. O estigma vai com todos. Não comem o preciso.

Ora chegados aqui e ninguém contradiz a verdade amarga; chegados a esta obra das nossas mãos, digo, que caminho? Irmos às Riquezas e colocá-las ao alcance de cada um. Irmos aos Ricos e levá-los a compreender e a chorar. Dar a cada um segundo a família que tiver. Dar o preciso consoante lugares e costumes. A Família é um poder. Ela sabe administrar-se e governar-se por si. As Mães são grandes mestras. Dê-se-lhes para as mãos. Elas é que sabem. Menos tutelas. Menos tutores. Mais confiança. Emancipar.

Aqui temos um programa de doces consequências. Pão de cada dia para cada um. Conforto. Cor de rosa nos lábios das crianças. Pecúlio no escaninho da caixa. Ralha-se menos porque se vive melhor. A alma encontra as suas legítimas aspirações. Enche-se. Bendiz. Tem gosto de conhecer e louvar a Deus nas alturas. Não há castas. Não há classes. Somos irmãos e membros de um só corpo — Jesus Cristo Senhor e Redentor nosso.

AGORA

Eu cuido que todos os leitores do quinzenal fazem desta procissão a menina dos seus olhos e esperam-na devotadamente. É que não há. Não consta. Nunca o amor do próximo caminhou tão perto do amor de Deus como aqui. Hoje, abre uma criada.

Junto a esta 500\$00 para a ajuda de casinhas para pobres já traga este desejo há muito tempo. Leio o gaiato e choro muitas vezes porque sinto a alegria que devem sentir os pobres ao receberem uma casinha para se recolherem e que lhe podem chamar sua.

Sou uma criada que nada tenho nem mesmo parentes chegados e já estou com idade bastante avançada por isso já pouco posso esperar mas enquanto fui nova todo o meu desejo era ter uma casinha.

Assina-se criada. Ela mesmo, em pessoa, entregou no Lar do Porto e disse *eu sou uma criada*.

É muito o que ela dá; muito mais o que ela diz: *sinto a alegria que devem sentir os pobres*. Eis aqui o material de construção desta sorte de casas. Esta força espiritual basta e sem ela, nada do que é seria. Vejo aqui nos livros 182 casas, quer dizer, 182 dúzias de contos, que até à data nos entregaram. Isto significa que aquele número se há-de multiplicar pelo tempo além; e é tudo aquele sentir. Nós somos *Uma Família*. É por defeito que nos apartamos. Quem o diz? Esta procissão. Os senhores queiram ter a bondade de abrir caminho e dar espaço. É uma criada de servir!

Mais surpresas. Mais beleza. Oh procissão!

Faleceu aquela que, durante mais de 50 anos, foi carinhosa participante das minhas ale-

PROPAGAI

O Gaiato

Angariando novos assinantes

PAÇO DE SOUSA O António Machado, nosso barbeiro, andou aqui atrasado doente e por isso se foi queixar à senhora. Foi combinado ele ir ter ao hospital, mas quando lhe cheirou a mostarda, foi o aparecete... Desde essa altura, até começou a sentir enormes melhoras...

O nosso time de futebol teve nesta quinzena dois desafios: um com o Futebol Clube de Cete, grupo este filiado na Associação de Futebol do Porto, em que vencemos, ao fim de termos dado uma grande lição de futebol, por três bolas a uma. Os nossos melhores elementos foram: Manuel, Sérgio e Maláia. No Cete, Pedro e Zeca.

Contra o Futebol Clube de Cinfães, apesar de estarmos desfalcados, vencemos por 4-2, tendo o nosso time perdido inúmeras ocasiões de marcar e depois do Caminha ter dado dois golos. Os nossos melhores: Prata e Sérgio. Damos apenas este resumo, porque o espaço não permite que nos alarguemos.

Continua a ter muita procura o nosso «Ovo». Esperamos esgotar a venda até à Páscoa, pois tenho a certeza que os nossos leitores o darão como prenda aos seus afilhados. É uma prenda rica, não há dúvida!

Agora o que queremos é que os nossos amigos tenham umas alegres festas de Páscoa e que nos enviem muitas amemoas. Queiram também ter a amabilidade de aceitar os cumprimentos do cronista.

Recebi selos do senhor Monteiro de Gouveia, Brasil. Um anónimo de Lisboa. Alfredo Adriano Braz, da Covilhã. Outro anónimo de Lourenço Marques.

grias e das minhas lágrimas». Meio século de amor conjugal! Hino ao sacramento do matrimónio! União espiritual. Juntos não basta. Unidos sim.

Para comemorar este dolorido aniversário incluo um cheque de 24 contos». O nome de Manuel — Margarida há-de aparecer em casas do Património construídas na cidade do Porto, onde eu e minha mulher nascemos, e onde espero dormiremos o sono eterno. Quem há aí que não espere o dia do jornal?

Oxalá as duas famílias pobres façam tão boa vizinhança e tenham nos seus lares a mesma paz, a mesma serenidade que caracterizou a longa convivência de casal, cujos nomes a placa lhes recordará.

Quem há que não espere esta procissão, — quem? Nós podemos ver e gozar através daquelas palavras *lágrimas de paz e de serenidade*, de que foi feita uma vida de Dois!

Fechemos os olhos e os ouvidos às notícias que andam por aí. Quem dera uma censura para elas! É abramos a nossa inteligência e os nossos braços em actos permanentes de fé divina. O homem é ainda o Sopro. Como ontem, no princípio da criação, ele é hoje o Sopro de Deus. Aqui está. Aqui o temos tal qual. Não conheço este senhor. Não é preciso. Ele diz-nos quem é. Oh procissão, quanto te quero! Como te não amo! Porquê? Porque exaltas e exultas.

Outra vez por largo. Largueza. Deixem passar. É um ror de homens; o Pessoal da Companhia de Celulose com a segunda prestação — 4.115\$30. Mais um saltito e aí temos a casa deles. Outra vez ao largo. Isto hoje é uma enchente. São Ferroviários de Vila Real com a segunda cota — 283\$00. Um particular do Porto leva 500\$00 e espera dar uma casa. Um outro de Lisboa vai com outro tanto e alimenta o mesmo santo desejo. Enquanto se ocupam com estes pensamentos, livra-os Deus de outros pensamentos. Ao pé, mais um com 50\$00. Uma anónima do

— Quanto a jornais: um pacote deles de Albino Borges Loureiro, de Coimbra. Rev. senhor Padre Henrique, de Elvas. E do senhor Orlando que também me enviou selos e a seguinte carta: «Meu caro pedinchão, aqui vão cinquenta selos. Conta com mais, que irão noutra oportunidade, bem assim como alguns jornais. Recebe um abraço; dá cumprimentos ao Metereologista e ao Pai Américo». Os cumprimentos estão dados e quanto a pedinchão, tenho-lhe a dizer que já não afino, pode arranjar outro. Espero que continue a mandar para o Daniel, que muito vos agradece.

Daniel Borges da Silva

LAR DO PORTO Com a ida do Manuel Figueiredo para Paço de Sousa, o Carlos Inácio incumbiu-me de fazer as notícias deste Lar. E venho já a falar da nossa Conferência, que está absolutamente esquecida por todos os nossos amigos leitores, porque desde Novembro que só recebemos uma carta com 20\$00. É para verem os nossos amigos que está esquecida por completo; e agora lutamos com muita dificuldade. Devemos 1.000\$00 na mercearia e só temos 200\$00 em caixa e a socorreremos 19 pobres, que damos a um 50\$00 e a dois 30\$00, sendo os restantes 10\$00, mas isto todas as semanas. E ultimamente a pagar rendas, tem sido uma coisa formidável. Esperamos que os nossos amigos leitores se lembrem de nós e nos ajudem a sair desta ingrata situação.

Últimamente andávamos num renhido campeonato de Pingue-Pong e todos encaramos este salutar desporto com grande entusiasmo. Agora está interrompido por não haver bolas. Esperamos que os nossos estimados leitores nos mandem as ditas, para continuarmos neste animado campeonato, que todos vivemos com emoção.

Todas as sextas-feiras tem cá vindo de Paço de Sousa o senhor Padre Edgar, que se desloca de propósito para nos dar umas palestras, dando-nos bom alimento à alma e dar-nos alguns conselhos, para encarmos o futuro com mais juízo. E ultimamente falou-nos de que um homem verdadeiro é uma coisa rara. E por isso todos os patrões ficam contentes por encontrarem empregados verdadeiros; e assim podem confiar plenamente à vontade neles e além disso, a melhor coisa que os empregados podem ter, é os patrões terem confiança neles.

JOÃO DE BUARCOS

A venda do «Famoso» EM AVEIRO

Como de costume cheguei a Aveiro à noite, onde fico sempre de véspera. Desta vez consegui o meu almejado desejo de levar esta cidade aos 250, que por enquanto está a bater Braga e Guimarães.

De quinzena para quinzena estou a ter mais amigos nesta cidade. A quinzena passada estava a chover muito e entrei para um café para me abrigar e sentei-me numa mesa e logo alguém mandou o empregado a ver se eu queria tomar qualquer coisa; o mesmo aconteceu quando ia a chegar a casa da senhora D. Judite Pinho onde esta Senhora me acolhe sempre bem todas as quinzenas, e vinha um carro para baixo e parou ao pé de mim e o dono ofereceu se eu queria ir com eles ao café tomar alguma coisa e eu agradei mas não fui. E agora digo eu cá para mim: quando nós andávamos lá fora éramos uns desgraçados e ninguém se interessava por nós: agora todos nos amam, todos nos querem ver bem arranjados e no caminho do bem, para sermos amanhã os homens de que a sociedade precisa.

João de Buarcos

SE DESEJA MANDAR CONFECCIONAR TRABALHOS GRAFICOS, CONSULTE A TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO PAÇO DE SOUSA

Porto tirou 300\$00 do seu ordenado e vai aqui — aumentada! A Alda de Lisboa dá um prego de 100\$00. A Maria Alice e o João que ambos assinam, vão com 30\$. Alcobaca leva uma telha. Murto — 100\$0. Quando começam ali? No fim, vai o Mário Pinho da Beira. Beira, África Oriental Portuguesa. Foi no Banco de Sangue do Hospital Central. Deram-lhe ali 200\$ por ter dado sangue e ele vai e faz imediatamente com que aquele prémio aqui chegue. E chegou! Sangue dado duas vezes!